

Só economia afeta a popularidade

FH atravessou crises políticas, mas desemprego, inflação e desvalorização do real é que fizeram com que a aprovação a seu governo tivesse altos e baixos

• Sivam, pasta rosa, Banco Econômico, Banco Nacional, denúncia de compra de votos para garantir a reeleição, dossiê Cayman, grampo na Telebrás, Eduardo Jorge. Foram escândalos que rondaram os oito anos do governo Fernando Henrique Cardoso, tiraram o sono do presidente e derrubaram aliados, mas não arranharam sua popularidade. Um olhar atento sobre a curva de aprovação à administração Fernando Henrique de 1995 a 2002 revela que o humor do brasileiro passou ao largo das crises políticas. Nesse período, o índice de desaprovação aumentou todas as vezes em que a economia expôs sinais de abatimento. A insatisfação cresceu proporcionalmente ao aumento do desemprego, à estagnação do crescimento e à desvalorização da moeda.

Não foi à toa que Fernando Henrique assistiu à pior queda na sua popularidade de julho a novembro de 1999. Naqueles cinco meses, o índice de brasileiros que achavam sua administração péssima ou ruim variou de 48 a 52% — este último seu pior percentual em oito anos. Os brasileiros começavam a sentir os efeitos da desvalorização da moeda, ocorrida em janeiro daquele ano. O desemprego, a subida dos preços e a estagnação dos salários foram apontados na ocasião como os principais motivos de insatisfação.

Em outubro de 1999, o desemprego atingia 19% na região metropolitana de São Paulo, até então o maior índice desde a implantação do Real, que só seria novamente registrado em outubro passado. O reajuste das tarifas públicas, combustíveis, planos de saúde e passagens de ônibus — apelidado de tarifaço — fez a inflação quadruplicar entre junho e julho daquele ano. O racionamento, que introduziu a economia doméstica de energia nos hábitos dos brasileiros, também não poupou o presidente. No mês em que foi anunciado — junho de 2001 — 45% dos brasileiros classificaram a administração de Fernando Henrique como péssima ou ruim.

Anos de glória para o governo até 1998

• Embalado nos efeitos do mais bem-sucedido plano de estabilização da economia brasileira, o presidente experimentou anos de glória até 1998, quando disputou a reeleição e venceu no primeiro turno. Sua popularidade atingiu o ápice em novembro de 1996, quando 47% dos brasileiros responderam que seu governo era ótimo ou bom. Mas desde o primeiro ano de mandato — e justo aquele em que aconteceram os escândalos do Sivam, da pasta rosa e do Banco Nacional — o presidente voou em céu de brigadeiro.

Mais uma vez a explicação reside nos indicadores econômicos. No primeiro trimestre de 1995, o desemprego no país registrava a menor taxa em relação aos cinco anos anteriores: 4,36%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O crescimento do rendimento real do trabalhador era de 8,9%. No ano seguinte, a inflação registrada foi a mais baixa desde 1979: o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) fechou o ano em 9,12%. Em dezembro de 1996, um real equivalia a um dólar. Pesquisa do Ibope realizada em setembro de 1995 revelava que 72% dos brasileiros apoiavam o Plano Real e 57% estavam satisfeitos com a vida que levavam. Eram felizes e sabiam por quê. ■

OS ALTOS E BAIXOS NA POPULARIDADE DE FERNANDO HENRIQUE

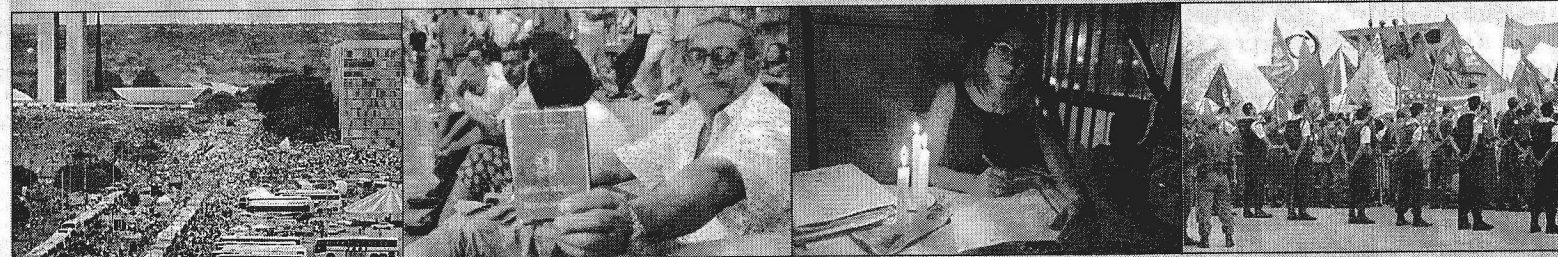


1 No primeiro ano de mandato, o governo foi envolvido nos escândalos do Sivam, da Pasta Rosa e do Banco Nacional. As crises, porém, não abalaram a popularidade do presidente. A economia ia de vento em popa: no primeiro trimestre de 95, o desemprego registrava a menor taxa dos cinco anos anteriores: 4,36%, segundo o IBGE. O crescimento do rendimento real do trabalhador foi de 8,9%.

2 A inflação registrada em 96 foi a mais baixa desde 79. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) fechou o ano em 9,12%.

3 A denúncia de compra de votos de parlamentares em troca da aprovação da emenda da reeleição não abalou a imagem do presidente. Fernando Henrique ainda experimenta a glória dos indicadores econômicos. A inflação, em queda, fica em 4,34%, segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor. No Rio, a taxa foi a mais baixa em 48 anos: 7,4%, segundo o Índice de Preços ao Consumidor (IPC-RJ).

4 No ano em que se candidata à reeleição, Fernando Henrique é vítima do dossiê Cayman. A denúncia não surte efeito. A inflação continua em queda e fecha o ano em 2,49%, segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor. Em São Paulo, o Índice de Preços ao Consumidor medido pela Fipe revela que os preços no primeiro trimestre daquele ano só tinham caído tanto no verão de 42. A deflação foi de 0,15%.



5 A popularidade do presidente entra em curva descendente e atinge seu pior índice em julho de 99. A desvalorização do real, em janeiro de 99, o aumento do desemprego e a estagnação na economia são decisivos para o aumento da insatisfação. Em outubro daquele ano, o desemprego chega a 19% na região metropolitana de São Paulo, até então o maior índice do Real

6 O desemprego na Grande São Paulo despencou em 2000, depois de quatro anos consecutivos de alta. A taxa média ficou em 17,6% da População Economicamente Ativa (PEA), segundo o Dieese. O rendimento médio real do trabalhador caiu 6,1%

7 O racionamento de energia, iniciado em junho de 2001, mantém em baixa a popularidade do presidente. A inflação fecha em 9,44% ao ano, segundo o INPC

8 Com o fim do racionamento, o presidente recupera parte de sua popularidade, mas ainda sofre os efeitos da crise econômica. O dólar chega a ser cotado a R\$ 3,99 em outubro, atingindo seu recorde nos oito anos do Real. A inflação do ano bate os dois dígitos, ficando em 10,22%.